

SERMÃO DE ENCERRAMENTO: “QUEM É JESUS?” MARCOS 8:27-30
Superintendente Geral David Busic

Reunimo-nos como uma igreja global ao longo destes últimos três dias para discutir, lutar, e orar sobre a teologia da nossa igreja: especificamente, o que significa ser um povo de santidade centrado em Cristo.

Em nome da Junta de Superintendentes Gerais, quero agradecer a todos vocês pelo que contribuíram esta semana. Você é um presente para a igreja. Obrigado por amarem a Deus com todos os seus *Corações* e todas as suas *Mentes* e por amarem sua igreja como a si mesmos. Somos gratos por suas vidas consagradas e pelo modo em que estamos aprendendo a ser o povo de Deus juntos.

Marcos 8:27-30

²⁷Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias de Cesareia de Filipe; e, no caminho, perguntou-lhes: Quem dizem os homens que sou eu? ²⁸E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas. ²⁹Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo. ³⁰Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.

Alguns anos atrás, eu estava em um voo de Kansas City para Los Angeles. Havia uma mulher sentada ao meu lado, e como muitas vezes acontece, começamos a falar sobre nossas vidas. Ela me disse que era diretora de cinema de Hollywood. (Eu não pude deixar de pensar o quão bem-sucedida sua carreira havia sido na indústria cinematográfica uma vez que ela estava andando na classe econômica comigo... mas eu não mencionei isso. Algumas coisas são melhores deixadas por dizer. ☺) Então ela me perguntou o que eu fazia para viver. Eu disse a ela que eu era um pastor, e de repente a conversa deu uma reviravolta dramática. Seu rosto ficou vermelho brilhante e sua voz se elevou.

Ela me disse que ela definitivamente não era uma cristã e começou a compartilhar seu desdém para **tudo evangélico**: incluindo a direita religiosa; e as pessoas que fazem piquetes em funerais e explodem clínicas de aborto; e que apoiam a pena de morte; e votam legislação sobre armas; e muitas outras coisas que ela mencionou, tudo porque eu disse que era um pastor. Quando ela percebeu que eu não ia brigar, ela começou a se acalmar e suavemente disse: *“O cristianismo mudou meu avô. Quando se tornou cristão, nunca mais foi divertido. Ele perdeu sua alegria e nada permaneceu o mesmo em nossa família.”* E durante a próxima hora falamos sobre a diferença entre religião e Jesus.

Há uma diferença, você sabe, entre religião e Jesus. A religião como um conjunto de regras para manter, e como padrões para atingir, pode tornar-se opressiva e pôr as pessoas para baixo. Mas a religião não é o evangelho. O evangelho é BOAS NOVAS que trazem Liberdade e vida por meio de um relacionamento real.

O Evangelho cristão não é primeiramente uma verdade a ser acreditada—é um *Convite* para um encontro com o único e verdadeiro Deus vivo em Jesus Cristo.

- Ele é o Caminho que nos mostra o caminho
- Ele é a Verdade que revela o que é verdadeiro

- Ele é a Vida que nos dá vida

Ou como Tom Noble nos lembra: “*Salvação é ser pessoalmente unido a um Pessoa, o Senhor Jesus Cristo.*”

Eu sou perseguido pelo que Fleming Rutledge escreveu: “*Nós não nos tornamos uma sociedade secular tanto quanto nos tornamos genericamente religiosos. E ESSA Religião Popular tende a ser uma mistura profana de qualquer coisa que se apresenta.*” Como resultado, as novas formas de espiritualidade são tipicamente altamente individualistas, auto referenciais, autoindulgentes, e apenas mal relacionadas com a história ou tradição de *qualquer* religião mundial, muito menos ao cristianismo. E assim, em um momento como este, acreditamos que não há mais importante vocação para a igreja em nosso tempo do que recuperar a auto identificação do Deus que é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Quem é este Deus de quem falamos? Em seu livro, *A Crucificação*, Fleming Rutledge escreve:

Deus é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó

Esta é a auto identificação de Deus. É deste modo que Deus escolhe tornar-se conhecido (Ex 3:6). A particularidade deste Deus é surpreendente; o Deus de Israel se alinha com seres humanos específicos, com nomes individuais que vivem em lugares identificáveis no mapa. Pessoas com histórias de vida que são imperfeitas, confusas, e de modo algum sempre edificantes.

Este Deus, ao contrário dos deuses da religião, escolheu por sua própria vontade soberana (livre arbítrio, eu poderia acrescentar) escolher um grupo distinto de pessoas simplesmente porque ele assim o quis. A "irreligiosidade" desta escolha é que não tem nada a ver com quaisquer realizações espirituais por parte dos escolhidos. Em vez disso, eles são selecionados, apesar de si mesmos! Pois se há uma coisa certa sobre os filhos de Israel, é que eles não mereciam a sua eleição.

Este “*Escolhi-mento*” não merecido, cheio de graça, é palpável sempre que Deus é chamado de “o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.”

Deus é o Deus revelado mais plena e definitivamente na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré

É este fato surpreendente que exhibe a singularidade do Deus proclamado na Bíblia. A ressurreição em si mesma não era algo inédito; afinal, histórias de deuses que morreram e voltaram haviam sido contadas em todo o mundo antigo. Mas a característica única da proclamação cristã é a afirmação chocante de que Deus está plenamente ativo, não só na vida ressurreta de Jesus, mas especialmente na morte de Jesus na Cruz.

Para dizê-lo de outra forma, a morte de Jesus em si não seria nada notável. Muitas pessoas no mundo romano foram crucificadas. Mas o que é notável é que o criador do cosmos é revelado, desvendado, e tornado conhecido na vida de sofrimento e expiação da morte de Jesus de Nazaré.

Deus é o Deus Trino

Um Deus em três pessoas: Pai, Filho, e Espírito Santo. Jesus de Nazaré não era um homem santo aleatoriamente desconectado. Se ele não for a segunda pessoa do Deus Trinitário e o Filho unigênito do Pai, então Deus pessoalmente não esteve diretamente envolvido na Cruz.

As definições Niceia e Calcedônias continuam sendo o padrão pelo qual nós testamos nossas assunções Cristológicas: Jesus era de uma substância com o Pai e era perfeitamente divino e perfeitamente humano – não metade de um e metade do outro – completamente ambos. O que significa que a beleza do advento de Cristo encontra seu significado no facto de que o Deus Três-pessoas está atuando diretamente como UM através da inteira seda criação à encarnação à ressurreição à ascensão e à escatologia final.

Pai-Filho-Espírito Santo na interdependente dança divina. O que, ultimamente significa que nossa Cristologia nunca pode ser independente da nossa Teologia e Pneumatologia – e que nossa eclesiologia e missiologia devem sempre fluir de começos Trinitarianos.

Jesus, é claro, é muito popular hoje.

Hoje nós temos pastilhas de hortelã Jesus, coleiras de cachorro Jesus, adesivos médicos Jesus, rolos de cabelo Jesus. Você pode por Jesus no para-choques do seu carro ou em seu banho de espumas. (Se você não crê em mim, vá a uma livraria cristã; se por nada mais, ao menos pelo pot-pourri!)

O que temos feito de Jesus?

Nós o temos . . .

- comercializado
- tornado bem de consumo
- culturalizado
- secularizado
- domesticado
- nacionalizado e personalizado naquilo que queremos que ele seja.

Nós temos recriado Jesus no Salvador que queremos que ele seja.

Pegamos suas palavras e as fizemos encaixar em nossas agendas. Nós o fizemos parecer conosco, pensar como nós, e falar como nós. Em suma, nós moldamos Jesus em nossa imagem.

Mas nem todo Jesus é o Jesus REAL.

É por isso que a questão mais importante para a igreja do nosso tempo é: quem é Jesus? Se obtivermos a resposta certa, isso muda tudo. Mas se obtivermos a resposta errada, isso também mudará tudo. É a pergunta central do Evangelho de Marcos, feita pelo próprio Jesus na conversa em Cesareia de Felipe: **“Mas vós quem dizeis que eu sou?”** (Mc 8:29).

Você se lembra que o Evangelho de Marcos começa com uma poderosa e politicamente carregada declaração de propósito: **“Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.”** (Marcos 1:1)

Esta revelação de abertura estabelece uma ironia dramática que serve como a força motriz da história: nós, como leitores conhecemos a identidade de Jesus desde a primeira linha, mas nenhum dos personagens da história sabe disso – exceto, é claro, os demônios.

Somente no final da história um personagem humano expressa com toda a razão a confissão de quem Jesus é – e isso vindo de um centurião pagão estrangeiro, testemunhando a morte horrível de Jesus na Cruz. Ele é o primeiro a dizer a verdade: *"Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!"* (Mc 15:39).

Aqui encontramos o objetivo pretendido do Evangelho de Marcos: **Jesus é finalmente e mais completamente revelado como o Filho de Deus quando ele é conhecido e mostrado como O Crucificado.**

Agora, se fôssemos parar no meio do Evangelho, um final diferente poderia ter sido previsto. Jesus explode na cena anunciando o Reino de Deus e realizando milagres com uma velocidade de tirar o fôlego:

- ele expeliu demônios
- curou enfermos
- ressuscitou mortos
- acalmou o mar e o vento
- andou na água
- e multiplicou pães para alimentar enormes multidões (não apenas uma vez, mas duas em Marcos – e significativamente, a segunda alimentação sendo em território “Gentílico”!)

Ele é, por assim ser, o super-herói divino que demonstra o poder de Deus e é Senhor sobre os poderes e as forças do mal. Ele é o "Filho do homem" de Daniel, vindo nas nuvens com autoridade e poder divinos.

E assim podemos entender como os discípulos puderam interpretar mal o significado da identidade de Jesus, até que finalmente ficou claro que os da casa se tornaram forasteiros. Sua má compreensão do propósito de Jesus atinge proporções épicas até que finalmente chega a um ponto final em Marcos 8. É o meio da história de Marcos. A primeira metade do Evangelho começou com o anúncio do "Caminho" de Isaías (Mc1:2); a segunda metade abre “NO Caminho” (Mc 8:27). No caminho da cruz, mas também no caminho do discipulado.

Após a segunda alimentação das multidões há uma história muito importante da cura de um homem cego em Betsaida – mas a cura não é **imediate**; ela é concluída em **estágios**.

O primeiro toque de Jesus traz visão parcial para o homem cego: ele pode ver as pessoas (o que é muito melhor do que ele havia sido capaz de ver antes), mas eles se parecem com árvores andando por aí. Foi só depois de um segundo toque de Jesus que a visão do homem foi totalmente restaurada podendo assim ver claramente. Este momento de “não ver claramente” é estrategicamente colocado imediatamente antes da localidade de cessaia de Felipe, onde um panteão de deuses era adorado, e a pergunta de Cesárea de Felipe: *“Mas vós quem dizeis que eu sou?”*

O ponto de Marcos é muito bem estabelecido. Até este momento os discípulos tinham visto Jesus, mas apenas parcialmente. Ele é "o Salvador ambulante" parecendo como uma árvore. Eles podem ver, mas eles não podem realmente ver. Eles precisam de sua visão completamente restaurada.

E assim, Jesus diz: *“Mas VÓS – quem VÓS dizeis que eu sou?”*

“Tu és o Messias! O CRISTO – o ungido de Deus.”

A resposta é tecnicamente correta – mas filosoficamente errada.

E aqui é onde Marcos nos dá uma perspectiva diferente de Mateus. Embora Pedro seja elogiado em Mateus por sua perspicácia... ao ponto de dizer que foi uma revelação divina... **em Marcos ele é repreendido**, e não suavemente, pelo Jesus com o penteado cocker-spaniel e mãos macias. É uma tremenda repreensão! Jesus confronta Pedro; talvez a mais forte repreensão dada a um discípulo de Jesus em todo o registro do Evangelho.

Na verdade, o verbo "repreendido" é a mesma palavra usada anteriormente em Marcos quando Jesus silencia os demônios após seu pronunciamento de que ele é o Filho de Deus. E assim, embora Pedro não está possesso, ironicamente, ele involuntariamente serve como mensageiro de Satanás no momento exato em que ele também recebe visão parcial.

Assim, o segredo Messiânico, *“Não digam a ninguém”* passa a ser muito mais que uma espera para ser revelado no tempo certo. Jesus não está rejeitando o título – Ele está rejeitando o SIGNIFICADO. É uma forte declaração de censura vinda de Jesus, e a razão, ao que parece, é para não confundir as pessoas quanto ao tipo de Messias que ele será. Ele não será o Messias nacionalista, militarista das suas expectativas, orientado para o exercício do poder bruto sem controle.

Antes, com grande amor, *“[Jesus] começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias ressuscitasse.”* (Mc 8:31)

Ele É o “Filho do Homem” de Daniel, vindo nas nuvens ... mas ele é **TAMBÉM** o servo sofredor de Isaías. Como João disse, ele é o Leão e o Cordeiro.

Assim “Messias” é redefinido ... e dado seu significado ... em termos do Filho do Homem sofredor.

Como pode ser isso?

Peter está compreensivelmente abalado, se não horrorizado:

“Retrate-se, Jesus. Você começa a falar assim e podemos esquecer a revolução.”

“As pessoas precisam de um líder que as possa inspirar – e sofrimento e rejeição e morte não inspiram.”

“Eu lhe devo muito. Eu era apenas um pescador que você me escolheu. Mas eu sou suficientemente inteligente para saber que nunca vamos poder derrubar a opressão Romana se você entrar por este caminho.”

“Chame-me ‘Satã’ se você quiser – mas você está falando como um louco!”

Mas Jesus não se deixa persuadir, Na verdade, Marcos diz que Jesus aumenta o calor, e diz para toda a multidão: **“Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.”** (Mc 8:34)

É difícil para nós entendermos o quão chocante esta afirmação teria sido para aqueles que a ouviram pela primeira vez. A cruz para uma pessoa do primeiro século era mais do que uma metáfora. Era o instrumento do estado muito real e muito público de execução de escravos e revolucionários. Seria o equivalente hoje de dizer: Pegue sua cadeira elétrica ou pegue sua câmara de gás e siga-me. Era uma forma torturante, violenta e humilhante de morrer destinada a desencorajar as pessoas de mexerem com os poderes existentes.

É por isso que não é suficiente para nós dizermos que a cruz que carregamos é como um fardo pesado que talvez tenhamos de suportar na vida. **NÃO! Mil vezes NÃO!**

- Uma pessoa difícil pode ser um verdadeiro sofrimento, mas ela não é a cruz que carregamos.
- Facebook pode ser um espinho em nossa carne, mas não é a cruz que carregamos.
- Deixar de comer chocolate ou beber Coca-Cola lite durante a Quaresma não é a cruz que carregamos.
- Nem mesmo juntas de credenciamento ou revisões do currículo do IBOE são a cruz que carregamos! ☺

Não, negar a nós mesmo e tomar nossa cruz é seguir a Jesus.

É consciente e voluntariamente negar nossas vidas pelo bem dos outros. É abraçar o modo redentivo e de auto entrega de Jesus que voluntariamente sofre com elas e por elas e contra os poderes do mal e opressão que o criaram. Dietrich Bonhoeffer disse: *“Quando Cristo chama um homem, Ele lhe oferece vir e morrer.”* Esta não é graça barata – é graça custosa.

Aparentemente, não é suficiente para nós entendermos Jesus como o Messias crucificado – agora a identidade de Jesus deve se tornar a identidade de seus discípulos. E até que esse aspecto do discipulado se torne claro, nossa visão ainda estará nublada, e nossa cura espiritual estará incompleta.

A Cruz

É intrigante que após esta conversa em Cesareia, os milagres em Marcos são muito menos frequentes. Na verdade, há apenas mais três em todo o Evangelho. O foco agora se vira para a inexorabilidade da Cruz. Jesus, o operador de milagres, que é Senhor sobre a natureza, a doença e os demônios agora submete seu poder para se tornar o Filho do Homem sofredor. Marcos não nos deixa escapar do fato de

que aqueles que percebem Jesus principalmente como um fornecedor de poder sobrenatural ou político fracassar em entendê-lo.

A resposta de Pedro é correta, mas incompleta. E é o mesmo erro que a Igreja continua a fazer ainda hoje. Muitas vezes, respondemos corretamente, mas não justamente. Nós vemos, mas não vemos. Jesus está andando ao nosso redor em toda a sua glória, e ainda vemos uma árvore.

A pergunta, "*quem vós dizeis que eu sou?*" encontra sua resposta final na confissão, "*verdadeiramente este homem era o Filho de Deus*" – uma confissão que só pode ser verdadeiramente feita ao pé da Cruz.

E assim agora entendemos que "*o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, e dar sua vida em resgate por muitos.*"

E mais tarde, na sua última refeição com os discípulos. Jesus distribui pão e vinho com as palavras reveladoras: "*Isto é o meu corpo,*" e "*Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos.*" (Mc 14:22-24)

O Evangelho de Marcos é um manifesto de discipulado radical. O Jesus do Evangelho clama por uma revolução, mas não do tipo que pensamos ou queremos. A norma para o nosso discipulado é definida pela Cruz. A obediência de Jesus como o Filho do Homem, interpretada como o servo sofredor que entrega sua vida pelos outros e para o bem do Reino de Deus, deve agora ser nosso padrão de fidelidade. É, como diz Ched Myers, "uma revolução de *meios* bem como *fins*," convidando-nos, sim, mesmo instruindo seus amados a rejeitar "a lógica mortal da dominação." A contradição da Cruz — uma vida que é dada, não tomada — é o único poder que pode curar o mundo. Isso exigirá que vejamos o Messias como ele realmente é - para se recusar a se contentar em ver as árvores andando- e para de vontade, alegremente, tomar a nossa cruz e seguir a Jesus.

Esta, eu acredito, é a tarefa da teologia cristã: ajudar toda a Igreja a ver o verdadeiro Jesus, em toda a sua glória de "Filho do Homem" e "Servo Sofredor". Ambos combinados! Pois este é o Jesus que, redime, e está redimindo, o mundo inteiro.

Este é o Jesus que nos chama para fora de uma vida centrada no individualismo e auto interesse e para uma vida de acordo com o amor redentor.

Conversei com Verne Ward, nosso Diretor de Missão Global, há algumas semanas. Ele tinha vindo de um tempo de treinamento com um grupo de Nazarenos que estavam querendo ir para os países vizinhos, onde a igreja ainda não está. Lugares onde há muito poucos cristãos, se houver algum – 99.9% de uma religião majoritária. Pessoas que ainda não ouviram a história de Jesus. Um ano atrás, 17 foram enviados – oito famílias e uma pessoa solteira. E agora eles voltaram para dar relatório do seu trabalho. Para surpresa de todos, eles tinham plantado 31 novas igrejas e testemunharam que haviam fortes comunhões de crentes e pessoas buscando ao Senhor.

Foi difícil acreditar! Como pôde isso acontecer? Em algumas das partes mais difíceis e fortemente perseguidas do mundo? Uma pergunta foi feita a um dos homens que haviam plantado as igrejas: "*Qual é o risco para as pessoas que estamos enviando?*"

O homem respondeu rapidamente: *“Não há risco.”*

As pessoas na sala se entreolharam perplexas. Outra pessoa fez a mesma pergunta de outra forma: *“Sabemos que cristãos têm perdido suas vidas nesses lugares. Qual é o risco inerente de enviar essas famílias Nazarenos para esta área para compartilhar o evangelho?”* O líder respondeu: *“Não há risco. Vocês nos conhecem! Nós temos dado tudo para Jesus! Não guardamos nada para nós mesmos, nós somos completamente dele.*

Pode haver um custo, mas deixamos esse custo para o Senhor, porque só o Senhor conhece o custo.

Mas não há nada mais para arriscar! Você não pode arriscar o que você já entregou. Ele é dono de tudo. Não há risco.”

Eu confesso que não entendo o discipulado assim. Estou aprendendo com meus irmãos e irmãs o que significa negar a mim mesmo, e tomar minha cruz, e seguir a Jesus. Mas uma coisa sei: A Cruz não é uma forma opcional de discipulado. É o CAMINHO do discipulado. Não é uma atualização com direção hidráulica/ teto solar para alguns poucos cristãos especiais. É um chamado para todos nós. E este discipulado. E este discipulado é volitivo – não é coincidental ou incidental ou acidental. NÓS TOMAMOS nossa cruz.

Eu estava voando para casa da América do Sul apenas alguns dias atrás. Minha companheira de assento perguntou sobre meu trabalho. Ela tinha interesse na igreja do Nazareno na África. Eu falei-lhe sobre um jovem estudante universitário chamado Harmon Schmelzenbach que sentiu um forte chamado para ir para a África; e como sua faculdade prometeu apoiar-lhe com \$200 por ano. E como ele foi em obediência ao chamado. Ele conheceu sua esposa Lula na viagem de ida. De como eles finalmente desembarcaram na Suazilândia, onde trabalharam por muitos anos sem um único convertido. E como eles enterraram três filhos lá e apesar dos avisos para não irem aos vales infestados de mosquitos, Harmon continuou a ir e, eventualmente, morreu em seus 40 de doenças relacionadas com a malária. Mas também de como Deus os usou para lançar um alicerce de evangelismo de santidade na África, e como hoje, cem anos mais tarde, há mais de 700.000 Nazarenos na África.

Ela ficou espantada. Ela disse: *“Vai haver uma mansão muito grande no céu para os cristãos que fazem esses extraordinários sacrifícios.”* Após um momento de reflexão, eu respondi: *“E se o compromissados Schmelzenbach com Cristo e o evangelho for a norma, e é o resto de nós que somos os anormais?”*

Ela disse: *“Eu gostaria de acreditar que isso fosse verdade.”*

Discipulado como o caminho de Jesus não é uma opção para o super espiritual entre nós. É o CAMINHO.

Há uma diferença entre SE ENTREGAR e TOMAR. Um é resignação – o outro é auto entrega. É significativo, que nós estejamos pensando acerca da nossa Cristologia pouco antes da semana santa.

A versão de Marcos da Sexta da Paixão diz isso desta maneira: **“Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona. À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eloi, Eloi, lama sabactâni? Que quer dizer: ‘Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?’”**

E então . . . **“com um brado, Jesus expirou.”**

Quando Jesus foi para a Cruz, ele não foi como uma vítima. Ele escolheu estar lá. Ele entregou sua vida. Ele tomou a cruz. E ainda assim, Jesus não removeu as trevas com uma palavra de ordem ou um movimento de poder divino de sua mão. Ele poderia ter feito; mas não fez. Você sabe o que ele fez em vez disso? **Ele a invadiu!** Ele invadiu as trevas. Ele alcançou as profundezas mais baixas, onde o mais desolado do mundo jaz indefeso. Ele entrou na dor, no sofrimento, solidão, desespero, o DESAMPARO das nossas vidas.

E embora eu não pretenda entender tudo o que há para saber sobre o mistério deste momento para Jesus, eu acho que eu acredito esse tanto . . . é porque Jesus negou-se a si mesmo e tomou sua cruz ... na nossa maior dor, nosso maior medo, nossos maiores momentos de desespero, nós temos um companheiro que ESTE lá e ESTARÁ lá.

E nada do que pensamos ou fazemos neste estado pode chocá-lo. Se tudo o que podemos fazer é clamar, ele clamou primeiro. Ele foi aos lugares mais escuros que qualquer um de nós possa ir, e ali ele derrotou os poderes do pecado e da morte ... e Deus em Cristo, entrou em todo o sofrimento que nós jamais poderemos conhecer:

- Naquele momento, ele estava entre os corpos carbonizados dos bebês queimados vivos em Auschwitz.
- Ele compartilhou o horror entorpecido de seus pais para além de qualquer consolo.
- Ele entrou na dor e nas atrocidades de Bósnia e Ruanda.
- Ele entrou na confusão do viciado em crack estirado ali numa viela.
- Ele entrou no sofrimento da quimioterapia.
- Ele habitou a solidão daqueles morrendo lentamente nos abrigos para idosos.
- Ele chorou com aqueles doendo com o luto considerando se poderão continuar vivendo com esse lugar vazio em seu coração.

Jesus tomou todo o nosso pecado, e nosso quebrantamento, e canalizou as profundezas das trevas, porque só então ele poderia trazer com ele tudo o que ele encontrou lá no alvorecer de uma nova manhã. Ele morreu a morte dos mais abandonados, para que até os mais abandonados pudessem partilhar da sua ressurreição.

Só o cristianismo nos diz esta verdade: Deus sofre POR NÓS e CONOSCO. Porque? Porque Jesus é o Senhor! Ele é o Senhor da luz, e ele é o Senhor da noite! Ele é o Senhor dos melhores momentos, e ele é o Senhor das trevas. E porque ele esteve lá e voltou, e AGORA É O VITORIOSO, nós não somos e não seremos abandonados.